



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

JARDEL PEREIRA DA TRINDADE

**A ESCOLA E A HETERONORMATIVIDADE: UMA ANÁLISE DE SUAS
RELAÇÕES COM BASE NO FILME *BAISERS CACHÉS* (2016).**

**GUARABIRA-PB
2017**

JARDEL PEREIRA DA TRINDADE

**A ESCOLA E A HETERONORMATIVIDADE: UMA ANÁLISE DE SUAS
RELAÇÕES COM BASE NO FILME *BAISERS CACHÉS* (2016).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
graduado em História.

Área de concentração: História e Estudos
Culturais.

Orientadora: Prof.^a Ma. Regina Paula Silva da
Silveira.

**GUARABIRA-PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

T832e Trindade, Jardel Pereira da.
A escola e a heteronormatividade [manuscrito] : uma análise de suas relações com base no filme Baisers Cachés (2016) / Jardel Pereira da Trindade. - 2017
32 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Profa. Ma. Regina Paula Silva da Silveira, Departamento de História - CH."

1. Heteronormatividade. 2. Escola. 3. Representações e Discursos.

21. ed. CDD 370

JARDEL PEREIRA DA TRINDADE

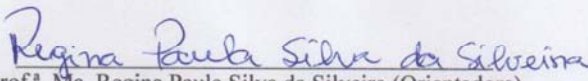
A ESCOLA E A HETERONORMATIVIDADE: UMA ANÁLISE DE SUAS RELAÇÕES
COM BASE NO FILME *BAISERS CACHÉS* (2016).


Artigo apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de graduado em História.

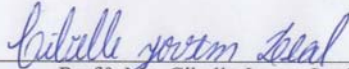
Área de concentração: História e Estudos
Culturais.

Aprovado em: 17/11/2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Ma. Regina Paula Silva da Silveira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Ma. Cibelle Jovem Leal
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha família pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente, pela força nesses quatro anos de graduação.

Ao meu pai João Evangelista Pereira da Trindade, à minha avó Maria Pereira da Trindade, e ao meu avô Luís Alves da Trindade pelo acolhimento durante esses anos.

À minha mãe Adriana da Conceição Silva da Trindade pela confiança.

À professora Regina Paula Silva da Silveira pelas leituras sugeridas ao longo desta orientação, pela dedicação e paciência.

Aos professores e professoras do Curso de História da UEPB: João Batista Gonçalves Bueno, Edna Maria Nóbrega, Ruston Lemos de Barros, Michelly Cordão, Cibelle Jovem Leal e Susel Oliveira da Rosa que contribuíram ao longo do curso, por meio das disciplinas e debates, para meu desenvolvimento enquanto futuro docente.

Ao amigo Adriano Flores da Silva pela amizade, incentivo e companheirismo.

Aos amigos de curso e de vida Liliane Costa, Maria Galdino, Jedicleison Silveira, e Lázaro Martins pelos momentos de descontração e alegria.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio, em especial Carla Nayara de Almeida Vasconcelos, José Aurélio Ribeiro da Silva, e Elizandra dos Santos.

“A homossexualidade deve ser considerada tão legítima quanto à
heterossexualidade”
(Daniel Borrillo)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	HISTÓRIA E AUDIOVISUAL: O FILME COMO OBJETO DE ANÁLISE.....	09
3	TRAJETÓRIA DA INSTITUIÇÃO DO DISCURSO DO “ANORMAL”.....	13
4.	AS REPRESENTAÇÕES DA HETERONORMATIVIDADE NA ESCOLA NO FILME <i>BAISERS CACHÉS</i> (2016).....	17
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
	REFERÊNCIAS	30

A ESCOLA E A HETERONORMATIVIDADE: UMA ANÁLISE DE SUAS RELAÇÕES COM BASE NO FILME *BAISERS CACHÉS* (2016).

Jardel Pereira da Trindade¹

RESUMO

O presente trabalho visa analisar as representações e discursos do filme francês *Baisers Cachés* (Beijos Escondidos) lançado em 2016, produzido por Didier Bivel, ao se referir à heteronormatividade especialmente no ambiente escolar. Trata-se de um filme televisionado na Europa e exportado internacionalmente através das redes francesas de televisão, e utilizado como protesto em 2017 no dia Internacional de Combate à Homofobia. A trama se desenvolve em uma escola permeada pelo discurso da tradicionalidade e conservadorismo, e do não cuidado com os sujeitos e suas subjetividades, Bivel romantiza a história de dois adolescentes, Nathan (Berenger Anceaux) e Louis (Jules Houplain) que se encontram aprisionados e vítimas de seus próprios desejos ao possuírem a sexualidade desviante da norma heterossexual hegemônica. Para proceder à análise, utilizamos a História Cultural como aporte teórico, e consequente da interdisciplinaridade proposta pelos Annales na historiografia, utilizando o conceito de representação e o cinema como fonte histórica de produção, além disso, dialogamos com vários campos do conhecimento, entre eles a Antropologia, Pedagogia, Sociologia, e a Psicologia, com o objetivo de discutir como a heteronormatividade acontece e se fixa como instrumento de formatação de comportamento dentro e fora da escola e como é possível diminuir as exclusões pelas diferenças no local que *a priori* deveria acolher as múltiplas experiências de todos que formam o espaço específico e a sociedade. Por fim, compreenderemos a escola como espaço reprodutor das discriminações e preconceitos, com consequências que ganham dimensões e alimentam a violência e a intolerância existente no seio social, e a família como importante base para a diminuição desses estigmas referentes às sexualidades.

Palavras-Chave: Representações e discursos. Heteronormatividade. Escola.

1. INTRODUÇÃO

“A vivência homossexual, numa sociedade heteronormativa, é quase uma ironia, já que é a vivência do descompasso entre o que se diz e o que se vive, entre o discurso e o corpo, entre o que deve ser e o que é”. (Durval Muniz de Albuquerque Júnior)

O mercado audiovisual tem se expandido rapidamente no século XXI. Programas de televisão, filmes, propagandas publicitárias, todas estas formas de propagação de informação possuem a finalidade de disseminar uma ideologia ou conteúdo presente e necessário de discussão na raiz da sociedade.

¹ Aluno de graduação em Licenciatura Plena em História e Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência – PIBID. Email: jardelhistóriach@gmail.com

Neste trabalho, analisamos as representações e os discursos sobre a heteronormatividade na obra cinematográfica *Baisers Cachés*² (Beijos Escondidos). O filme de origem francesa discute entre outras coisas os padrões que são impostos na sociedade e na escola. Seu lançamento mundial aconteceu em 2016, foi produzido por Didier Bivel e pela produtora Lizland Films, conhecida no território francês pelas suas abordagens sociais em longas-metragens, como exemplo representações de negros, relações familiares e homoafetivas.

A escolha deste filme francês como objeto de análise se deu a partir de experiências vivenciadas em uma escola do interior paraibano, situada na cidade Guarabira. A partir da convivência com a realidade escolar, houve a constatação das representações expostas no filme, como os estereótipos, professores e alunos vítimas de vigilância e algumas vezes o não respeito à diferença, além do preconceito indisfarçado. Não pretendemos aqui generalizar afirmando que todas as escolas partem deste modelo heteronormativo, no entanto houveram correspondências entre o discurso representado na obra e a realidade escolar no ano de 2017 na escola citada anteriormente.

O ambiente escolar é o pano de fundo para a trama de Bivel por se tratar de um modelo de escola preconceituoso e intolerante, que está no centro da sociedade e agrega pessoas com experiências e formas de viver variadas, e com estas diferenças, os conflitos emergem. Mesmo sendo um filme não muito conhecido pelo público recebeu prêmios em seu país de origem e foi exibido no dia mundial contra a homofobia em canais franceses e no Brasil pelo Canal TV5Monde³ na televisão por assinatura, retratando o modelo de sociedade atual do ocidente e como as instituições família e escola lidam com as diferenças referentes aos indivíduos no tocante à sexualidade, atualmente é possível acessá-lo nos diversos serviços de *streaming* da internet.

A heteronormatividade é introjetada nos indivíduos, ou seja, somos ensinados através da cultura, que apenas a heterossexualidade é a única identidade aceitável, desta forma há a exclusão e a padronização de um único tipo de sujeito.

Nesta análise, buscamos compreender as representações da heteronormatividade e seus efeitos na vida social. Iniciamos com uma reflexão sobre a história e o cinema e suas relações para com a historiografia, visando proporcionar um histórico do filme enquanto fonte

² *Baisers Cachés (Beijos Escondidos)*. França/2016. Duração: 87 minutos. Direção: Didier Bivel. Produção: Lizland Films Elenco: Bérenger Anceaux, Jules Houplain, Patrick Timsit, Catherine Jacob, Bruno Putzulu, Barbara Schulz, Nicolas Carpentier.

³ Rede de televisão francesa internacional, fundada em janeiro de 1984. Disponível em <http://www.tv5monde.com/>

analisável para a História. Após isso, trabalhamos com a instituição do discurso da anormalidade construído historicamente para os que ultrapassam os limites aceitos da norma quando se fala de sexualidade, para mostrar como a homossexualidade é vista como contraponto da heteronormatividade. Por fim, fazemos a análise do discurso heteronormativo representado no filme *Baisers Cachés* através de uma metodologia que contemple os diálogos e ações feitos pelos personagens fictícios da obra de Didier Bivel, visando compreender seus efeitos e consequências, e quais possibilidades de mudança desse quadro normativo.

2. HISTÓRIA E AUDIOVISUAL: O FILME COMO OBJETO DE ANÁLISE

A importância da análise de uma obra audiovisual reside nas bases historiográficas propostas pela revista *Annales d'histoire économique et sociale* (1929). Desde seu lançamento a revista francesa fez da prática historiográfica uma revolução em termos metodológicos, contrapondo-se à Escola Metódica que definia a forma de construir a história. A revista francesa pretendia ser diferente de todas as outras revistas de história, almejaram ser referência em economia e sociedade, e expandir as fronteiras do conhecimento histórico através de uma interdisciplinaridade. O contexto da criação da revista é o pós- Primeira Guerra Mundial e também marcado por embates entre historiadores e cientistas sociais.

Dividida em três gerações, os *Annales* se remodelaram em princípios metodológicos. A primeira geração contava com os “empreendedores” Lucian Febvre e Marc Bloch, na segunda geração estava como figura principal Braudel, e na terceira geração Le Goff e vários outros.

O historiador José Carlos Reis (1996) conta que a primeira geração é marcada pela reivindicação da história como ciência. Febvre e Bloch acreditavam que a história que estava em fase de construção possuía algumas características, que eram: a compreensão, uma história que problematize, e uma história global, além da renovação de fontes, uma “história-problema” era a grande aspiração dos criadores.

A segunda geração continuará com ideias advindas dos que iniciaram, porém com Braudel. Em discussão estava uma história-global e o que os *Annales* chamavam de história serial quantitativa. Braudel estava ciente de que devia produzir uma história globalizada, embasado na duração e descrição, o que ele tinha em mente era um super-projeto que abarcaria essa globalização da história, através de uma rede de sistemas que se interligavam, parecia ambicioso ao que se proporia. Foi somente após 1950 que essa ideia global na história começa a mudar quando o modelo quantitativo passa a ser utilizado (REIS, 1996, p. 99-100).

A terceira geração é onde se revoluciona totalmente as questões inerentes às fontes e ao novo olhar do historiador. Agora o caráter historiográfico seria de descontinuidades de uma “história-geral”. Reis (1996) questiona este novo modelo quando salienta que para os mais negativos estudiosos, a generalização nunca poderá ser um fato, para eles tudo passaria a ser histórico e não haveria ligações, o que causaria fragmentos no objeto disposto a análise, no entanto, o projeto inicial de Febvre e Bloch foi radicalizado e não minimizado, pois se estudaria “tudo” e não mais o “todo”. Em resumo:

[...] se os fundadores falaram de história global e de história-problema, a segunda geração procurou realizar os dois projetos, pela geoistória braudeliana e pela história quantitativa dos historiadores econômicos e demográficos; a terceira geração recusará a história global e só atingirá, [...] uma fragmentação extrema da história, [...], a radicalização do projeto inicial da história-problema (REIS, 1996, p. 102).

Nesse caminho, os *Annales* conseguiram não só se reinventar na questão metodológica, mas abriram um leque maior nas fontes históricas e aprimoraram as técnicas para estas análises. Escritos de todos os tipos, objetos arqueológicos, linguagens, legislações, tudo que foi produzido pelo homem passou a ser englobado como sendo possibilidade de construção da história. Somente a partir de 1989, com o lançamento da sexta revista, os integrantes confirmam e reconhecem o caráter impossível de uma história-global que era no início uma de suas grandes ambições quando se fala em história como ciência. É a primeira brecha para o que se chama de Nova História e História Cultural utilizada neste trabalho.

O problema analisado aqui é a escola reprodutora do modelo heteronormativo, que é a norma que regula o comportamento dos indivíduos, e institui como devem ser estas pessoas, no entanto, para compreender esse fato é necessário atentar-se para a raiz histórica do problema.

Desde o surgimento das civilizações, as relações de poder e visões de sociedade existem e regulam a vida coletiva e individual. Foucault (1987) nos ensina que na Idade Média, por exemplo, há a sociedade soberana, esta consiste na característica estamental, tempo cíclico, e o dispositivo das relações da sociedade são baseados em alianças. A sociedade do direito de invasão, dos duelos constantes, das equiparações de força, onde prevalece o direito sobre a vida e a morte.

Na era moderna, a sociedade passou a ser disciplinar, onde o tempo é linear. A vida social inspirada nos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, além disso, a era das instituições disciplinares. Era necessária uma forma de governar a população e assim se definiu os mecanismos: família, escola, hospitais, prisões e manicômios, que são maneiras de

regular os corpos. Diferente da sociedade soberana, a modernidade na questão do direito condenava à morte, mas insistia nestas práticas.

Na contemporaneidade, a sociedade pode ser denominada como de controle. Marcada pela explosão cibernética onde as mais variadas tecnologias se incorporaram a própria noção de indivíduo, as instituições não conseguem mais disciplinar os corpos, há neste evento uma crise institucional (FOUCAULT, 1987). A escola é um grande exemplo disso, e ao se falar de heteronormatividade principalmente. A disciplina passou a ser um fato distante, visto que os indivíduos são fragmentados e de múltiplas identidades, o controle não é mais objeto abarcante dessas inúmeras formas de ser, as identidades são móveis, e assim os “transgressores” devem ser vigiados, nesse sentido a escola pode também ter o papel de libertária.

Entretanto, a heteronormatividade escolar resiste como mecanismo de tentativa de controle. Alunos, professores, funcionários, são diariamente vigiados, porém, em casos não é mais necessário, pois, a norma heterossexual se internalizou, onde o não fazer é acionado instantaneamente sem necessidade de avisos prévios, os corpos agora são autovigiados, e possuem consequências, uma delas a homofobia como veremos ao analisar as representações e discursos da obra audiovisual de Didier Bivel – *Baisers Cachés*, Beijos Escondidos (2016), para compreendermos como é representada a heteronormatividade no ambiente escolar e suas implicações para a sociedade, entendemos como discurso:

[...] é um suporte abstrato que sustenta os vários TEXTOS (concretos) que circulam em uma sociedade. [...] Ao analisarmos o discurso, estaremos inevitavelmente diante da questão de como ele se relaciona com a situação que o criou. A análise vai procurar colocar em relação o [...] campo da sociedade (apreendida pela história e pela ideologia) (GREGOLIN, 1995, p.17).

Para subsidiar esta tarefa, nos utilizamos da História Cultural e da interdisciplinaridade instituída pelos *Annales*, um dos campos que passaram a ser utilizados pelos historiadores no século XX para compreender aspectos referentes à sociedade e suas inquietações na prática da escrita da história.

A história cultural, segundo Peter Burke (2008) possui diversos significados. Para muitos é uma busca de significância, para outros podem ser tratadas as práticas e representações, e por fim, para o estudioso, tal como a história política a história cultural é uma narrativa. Sem dúvida, a variedade de objetos a serem trabalhados aumentou com esse novo tipo de fazer história e os métodos consequentemente mudaram também.

No nosso caso, o objeto é uma obra audiovisual, um filme que através da imagem e do som representa pela ficção o cotidiano conturbado de adolescentes em uma escola repleta de preconceitos reproduzidos dentro e fora dela. Um conceito importante que está englobado nos fazeres dos historiadores da cultura é o de representação em que se concentra o foco desta pesquisa.

A historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2007) nos explica que uma representação é uma presentificação do ausente, é o novo que transparece a ausência, o ideal seria falar de substituição, ou seja, para a autora, o ausente não volta através do ato de representar, porém é substituído por uma nova realidade, ainda nos explica que “uma representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção a partir dele” (PESAVENTO, p.21, 2007).

E nesse sentido está o filme enquanto instrumento de nossa análise. Por abordar aspectos do social, mesmo que ficção, ele trás uma mensagem, um código, representado a partir de ideias disseminadas na sociedade, e cabe ao historiador interpretar e compreender qual o foco mostrado pela produtora. Marc ferro (1992), historiador que pensou essa relação cinema-história revela que o cinema se assemelha a sonhos, é ininteligível e a interpretação não possui grau de certeza. No entanto, a importância deste trabalho está em compreender como está representada a sociedade e a heteronormatividade, assim excluindo julgamentos de valor no tocante à estética e produção, esta é tarefa essencial ao historiador (LIMA, 201?).

O idioma original da obra é francês, porém, neste trabalho a utilização da legenda é de extrema importância. É através dela que conferimos sentido ao propósito do filme e da análise, além disso, a abordagem utilizada é a representacional que aborda os eventos, personagens e processos representados na obra (NAPOLITANO, 2008, p.238), pois para proceder este tipo de estudo, é fundamental historicizar o objeto, criticar seus aspectos representativos para chegar à compreensão.

Observamos, sobretudo, o contexto de produção da obra audiovisual, pois, as informações referentes influenciam no conteúdo criado. O drama, o país de origem ser a França, e principalmente o ano de 2016, data de lançamento evidenciam que há certa notoriedade sobre o tema, principalmente ao falar de gêneros e sexualidades que são assuntos polêmicos.

Marcos Napolitano (2008) acrescenta que uma obra audiovisual é uma “manipulação do real”, está embarcada na criação, na subjetividade e a intenção de quem produziu, é direcionado a um público ou a vários, desta forma não podemos tirar a importância de fontes como estas, ou rebaixá-las ao secundarismo, possuem a mesma ou até

mais relatividade em grau de importância a um documento escrito dito oficial. Concordamos com Jorge Nóvoa (2013) quando o mesmo, alerta sobre esse tipo de arte que veicula ideologias que estão presentes no imaginário da população. Representar tem um interesse implícito, uma divulgação de algo que desperte o interesse, ou tenha valor comercial e social.

Investigar, debater e discutir as propostas de um trabalho audiovisual, principalmente com conteúdo explorado e abordado pelas mídias sociais, como violência na escola, orientações sexuais e família, orienta e valoriza os esforços acadêmicos em produções científicas a fim de romper com estigmas e atitudes naturalizadas que disseminam e reproduzem o preconceito na sociedade, além de historicizar, iremos questionar o que nos é passado como “comportamento correto e natural”, e entender as consequências e exclusões promovidas pelo não respeito às diferenças. Para Ferro (1992), um filme é composto por lapsos que podem partir do criador, da sociedade que está inserido, e de ideologias dominantes. Para o historiador que se propõe a investigar esse tipo de fonte é importante observar as concordâncias e discordâncias com essas ideologias e tentar, sobretudo descobrir o que está por trás do que nossos olhos enxergam.

3. TRAJETÓRIA DA INSTITUIÇÃO DO DISCURSO DO “ANORMAL”

Para compreendermos como se deu a instituição do discurso da anormalidade para os sujeitos que se contrapõem a heteronormatividade, é importante que utilizemos aqui dois conceitos: normalidade e patologia.

As ciências naturais, antes portadoras destes modelos, não conseguem responder a questões essenciais como o que seria ser normal, e o que é ser desviante. Essas respostas estão ligadas à norma introjetada na sociedade conhecida como heteronormatividade.

Esse processo de enraizamento da normalidade como característica essencial do indivíduo foi sendo construído ao longo do tempo. Richard Miskolci revela que a linguagem foi o primeiro evento a abordar a temática, ocorreu na França, no século XVII, e acrescenta:

O uso do termo normal como o conhecemos surge da intersecção do conhecimento sociológico e do médico. Ambos estavam imbuídos do mesmo interesse de medir, classificar e disciplinar os indivíduos de forma a que estes se conformassem à normalidade (MISKOLCI, 2002/2003, p. 110).

A patologia nesse caso ocorre quando o sujeito é considerado anormal, quando se afasta da normalidade imposta pelos conhecimentos médicos e sociológicos, logo a pessoa se torna um “doente”.

O século XVIII é marcado pelo poder disciplinar que controla e organiza os discursos e as práticas sociais. Os corpos passaram a ser mediados e normatizados, e este momento é quando a sexualidade passa a ser uma forma de controlar as populações, e onde as instituições afloraram tais como escola, prisão, manicômios e etc.

Podemos dizer que a dicotomia instituída na era moderna foi normalidade/anormalidade que equivaleria saúde/doença, ou seja, instituía-se através do poder as características da sociedade. Além disso, havia os desviantes, falar em desvios adquire sentido quando nos referimos às características do padrão de homem ideal da sociedade burguesa capitalista que era aquele “branco, heterossexual e burguês (MISKOLCI, 2002/2003, p. 113), ser miscigenado ou não ser necessariamente branco, era ter em seu ser o sinônimo da fraqueza, da infertilidade, no caso da heterossexualidade, fugir deste padrão era se tornar um degenerado insano.

Na era das grandes navegações, a Europa vivia em constante vigilância. As várias doenças em outras regiões do planeta assustavam o povo europeu, que temia, além disso, o processo de miscigenação. Os povos não europeus eram inferiores e uma possível mistura causaria o que chamam de degeneração, na Alemanha, por exemplo, a prostituição era considerada uma doença social.

Dessa emergência da cautela quanto à ligação entre diferentes povos surge a Eugenia que era “os usos sociais da teoria da hereditariedade voltados para a reprodução controlada visando melhores ‘seres humanos’ ou para preservar a “pureza” de determinados grupos étnicos considerados superiores” (MISKOLCI, 2002/2003, p. 116).

A Eugenia estava ligada a hereditariedade e foi promovida pela psiquiatria. Visava uma reprodução única apenas dos que tem “boa saúde”, assim impedindo os degenerados de se multiplicarem, que eram vistos como pessoas fracas, doentes e de comportamento perigoso, sem cura.

No final do século XIX, as cidades tiveram crescimentos consideráveis e algumas minorias timidamente, em especial os homossexuais, promoviam seus encontros. A burguesia capitalista, defensora dos bons costumes e conservadora via esse fato com preocupação.

A sociedade burguesa buscava – através do discurso científico – estabelecer uma duvidosa relação entre sexo e verdade. A família, “a célula mater da sociedade” – era considerada o protótipo da saúde e da vida. Esse sistema centrado na aliança legítima apoiava-se num discurso que, ao mesmo tempo em que se revelava consensual sobre a monogamia heterossexual, problematizava e punha em evidência a sexualidade infantil, dos loucos, dos criminosos, o prazer dos que amam seus iguais. A exigência de normalização burguesa não visava expulsar as sexualidades denominadas de pervertidas, antes as classificar em busca de alguma forma de normalizá-las (MISKOLCI, 2002/2003, p.121).

Podemos então definir a criação da “anormalidade” como uma criação histórica e social, levada a frente pelos burgueses europeus, é um produto de uma sociedade que tem como assentamento a normalização dos sujeitos. Foucault (1999) revela que analisar a construção deste discurso é encontrar os seus objetivos e entender como as camadas sociais legitimam seus elementos discursivos em prol de algo ou alguém, até porque antes do ideário burguês não havia estas concepções.

É inegável a dimensão da complexidade de reflexão em volta da sexualidade humana. Incluem questões morais, políticas e ideológicas (FRANCO & CECARELLI, 2010). A nossa cultura é ocidental e trás consigo valores que povoam o imaginário social no tocante à questão sexual, estes foram se delineando prescrevendo as fronteiras das subjetividades. Na Antiguidade clássica, as práticas sexuais entre iguais diferem dos modelos atuais e ocidentais, ao afirmar isso, não podemos atribuir às sexualidades o caráter “natural” e apenas biológico atribuído a elas.

Foi durante os séculos XVIII e XIX que houve uma onda de teorias a cerca das diferenças entre os sexos. A burguesia e o surgimento do Iluminismo fizeram enraizar ainda mais a superioridade masculina e o comportamento sobre os outros. As exigências da sociedade burguesa diferenciaram homens de mulheres tanto na anatomia de seus corpos quanto politicamente, assim instituiu-se a superioridade masculina como a natural, mas isso era apenas uma ideia dos filósofos que buscavam demonstrar a inferioridade feminina oferecendo-lhes a vocação e fragilidade, e o homem teria a imagem de protetor pelo seu físico e moral.

Foucault (1999) afirma que a ciência passou a investigar a fundo esses “costumes” que fogem da ideia de família, segundo a norma, como os homossexuais, ou seja, separaram-se os indivíduos e estabeleceram-se categorias a cada um de acordo com sua sexualidade.

O preconceito social que estigmatiza e rotula o homossexual até os dias de hoje é um produto da ideologia burguesa, na qual se criou uma crença em uma vivência sexual ‘normal’ e ‘civilizada’, a partir do momento em que os sexos se transformou em elemento político e social relevante para a época. O instinto sexual ligado diretamente à palavra ‘sexo’ passa a ter uma finalidade única. Todas as relações e condutas que fugissem a essa finalidade eram consideradas perversas e antinaturais (CECARELLI & FRANCO, 2010, p.123-124).

A produção do ser faz parte do “dispositivo histórico⁴” da sexualidade evidenciado por Foucault na perspectiva construtiva e instável do ser, onde as identidades são móveis e flexíveis (LOURO, 1997). Todas estas questões estão intrínsecas a noção de gênero, que passou a ser discutida mais fortemente nas academias, debates sobre gênero e sexualidade tem efervescido o século XXI.

No entanto, Scott (1995) revela que como categoria de análise começou a surgir certa preocupação, em certa quantidade pelas feministas, que insistiam em delimitar o território das diferenças entre homens e mulheres e era necessária uma definição que abarcasse estas necessidades. Para a estudiosa, gênero pode ser pensado a partir de dois caminhos: que é um elemento base da constituição das relações sociais baseadas em diferenças percebidas entre os sexos, e o segundo caminho diz respeito a primária forma de significar relações de poder. Além disso, Guacira Lopes Louro (2011) salienta que ao nos referirmos a gênero devemos usar sempre a pluralidade, pois parte do princípio da cultura que varia de acordo com o tempo e o lugar, desta forma é uma noção relacional e inconclusa.

Antes de iniciarmos a análise propriamente dita do filme *Baisers Cachés*, é importante que compreendamos com mais consistência o que é a heteronormatividade. Trata-se da norma derivada da orientação sexual [heterossexualidade] que define os comportamentos e identidades fixas em torno da figura do homem hétero, branco e burguês tornando-se assim a referência.

Quando criamos um modelo hegemônico, excluimos todos os outros e os colocamos às margens, e deste contexto deriva os preconceitos e discriminações com os diferentes, entre eles homossexuais, bissexuais, transexuais, negros e etc., Guacira Lopes Louro (2009) enfatiza que segundo a norma todos devem ser heterossexuais, e que os âmbitos da sociedade, tais como jurídico, educacional e de saúde sejam circunscritos nas bases uma imagem e semelhança desse modelo heteronormativo.

Os excluídos ficarão em segundo plano, visto que devem ser reeducados e reformados. Além disso, para Butler (2003), esta heterossexualidade é compulsória na medida em que há uma tendência a um alinhamento entre o gênero, o sexo, e o desejo, o sexo biológico estaria assentado sobre o caráter social construído do que é ser masculino e feminino que por fim mostraria a direção do desejo do indivíduo.

⁴ Construído socialmente através de inúmeros discursos sobre o sexo que tentam regular e estabelecer uma norma, uma regra que pode ser capaz de produzir saberes e “verdades”, e esse tipo de discurso é utilizado pelas instituições para controlar as sociedades. (FOUCAULT, 1999).

Não é possível falar desta norma reguladora, sem citar uma interseccionalidade entre ela e os outros sujeitos inferiorizados, a norma não atinge apenas os indivíduos que vivem outra orientação sexual, mas a sociedade em si, por este motivo, é necessário vincular o combate a heteronormatividade pelos movimentos sociais, como o feminista, o movimento negro, e claro o movimento LGBT que buscam direitos e igualdades plenas.

4. AS REPRESENTAÇÕES DA HETERONORMATIVIDADE NA ESCOLA NO FILME *BAISERS CACHÉS* (2016).

O drama *Baisers Cachés* (Beijos Escondidos, 2016), foi produzido por Didier Bivel, e exibido pela primeira vez em 2016 no território francês pela televisão e depois exportado para outros países.

Tratamos aqui de um filme televisionado, que primeiramente foi exibido na Europa. O fato de ser exibido na televisão denota uma preocupação mais familiar e intimista, visto que a reunião das pessoas frente à tevê pode gerar um consenso coletivo e consequentemente romper preconceitos de pessoas e famílias que passam pelo mesmo drama, assim instaurando o respeito ao próximo, dessa forma, o filme teria uma missão social.

Entretanto, por não se tratar de uma exibição cinematográfica, ou seja, nas telas do cinema, podemos nos questionar quanto ao caráter capitalista. Produções como estas recebem investimentos milionários que necessitam retorno financeiro, será que nas salas de cinema haveria público para assistir uma obra que representa em ficção um tabu social?

O filme conta em seu elenco como protagonistas os atores Bérenger Anceaux, e Jules Houplain, que vivem os jovens Nathan e Louis, adolescentes que estão descobrindo suas sexualidades e vivem em conflito com ela e com as pessoas que os cercam. Atuam além destes, os atores e atrizes Patrick Timsit, Catherine Jacob, Bruno Putzulu, Barbara Schulz, e Nicolas Carpentier como os participantes ativos do modelo de escola representado e das famílias dos dois jovens que conflituam ao compreender a relação entre Nathan e Louis. A história parte de uma festa de colégio, onde os adolescentes estão em um momento de diversão e troca de olhares. Com todo cuidado e discrição os dois se encontram a sós em um lugar reservado e se beijam. Porém, algo muda os caminhos deste romance quando a namorada de Louis tira uma fotografia dos dois se beijando, e por vingança expõe na internet em um blog.

São inúmeras as passagens que o discurso heteronormativo é evidenciado. Principalmente no ambiente escolar, a trama envolve os indivíduos que fazem parte da

instituição, e apresenta o discurso presente atualmente em escolas de todos os lugares do mundo e as relações deste com a sociedade. A abordagem de caráter social impacta o público frente aos desafios pedagógicos e familiares a que jovens e também adultos estão submetidos ao assumirem suas orientações sexuais divergentes da heterossexualidade.

Nossa análise começa pela questão do discurso da aparência do protagonista. Em um primeiro momento, a forma que o pai fala sobre a roupa do filho denota uma preocupação com o estereótipo que não seria considerada heteronormativa, se não estivesse acompanhada da pergunta se o jovem possui alguma “namoradinha”.

O estereótipo é uma forma de regulamentar, onde apenas uma imagem é considerada a idealizada para alguém ou alguma coisa. E é nesse momento que os preconceitos são vivenciados, pois, não aceitamos as diferenças e queremos estabelecer um padrão. O mesmo acontece com a sexualidade, por meio da heteronormatividade, a heterossexualidade é vista como a única forma de expressar a identidade sexual, pois com ela há uma legitimação, (Warner 1993, apud JUNQUEIRA, 2009a).

O sujeito passa a ter rótulos que separam distinguem e discriminam os demais, ou seja, o pai de Nathan tenta atribuir-lhe uma imagem que não é a que ele se preocupa em possuir com intuito de satisfazer a sociedade, principalmente pelo fato de ser policial, e nisso está envolta a questão de masculinidade que deve perpassar de pai para filho, “ser heterossexual, másculo, compõe a representação do homem e dos ditos ‘normais’ uma vez que “apresenta como padrão sua própria estética, sua ética [...]” (LOURO, 2000, s/p), podemos perceber as relações de poder presentes nas percepções de gênero e sexualidade como citado anteriormente através de Foucault e Joan Scott.

A escola contribui para disseminar estes estereótipos na medida em que recebe enquanto instituição estes sujeitos e lhes oferecem identidades. Os corpos “são ensinados, disciplinados, medidos, avaliados, examinados, aprovados (ou não), categorizados, coagidos, consentidos [...]” (CORRIGAN 1991, apud LOURO, 2000).

Estereotipar o masculino é negar-lhe o direito de se sensibilizar, ou demonstrar seus sentimentos, e a escola em toda sua amplitude reproduz o mesmo discurso, seja de discentes para discentes até a direção da instituição e docentes. Culturalmente foi atribuída ao homem a sisudez e bravura, o gosto pelo futebol, que são marcas da maneira de viver a sexualidade hegemônica no ocidente.

Para que se efetivem essas marcas, um investimento significativo é posto em ação: família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, frequentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina,

nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas, contraditórias. A produção dos sujeitos é um processo plural e também permanente (LOURO, 2000, s/p).

A heteronormatividade se caracteriza por excluir ou tentar corrigir as outras maneiras de viver a sexualidade, como por exemplo, a homossexual, como é o caso do protagonista de *Baisers cachés* (2016), além disso, alimenta a violência e o silêncio das pessoas que se sentem segregadas da sociedade por se sentirem “diferentes”.

Muitos jovens como Nathan e Louis representados como adolescentes que tem de início aversão à exposição de suas sexualidades enfrentam violências simbólicas e psicológicas ao serem cobrados e tendem a viver “no armário”, Sedgwick (2007) explicita que esse “armário” não é característica apenas de homossexuais, mas para eles é uma característica fundamental para ter uma vida social menos conflituosa.

Tão grande é a dimensão que os personagens representados no filme insistem em mentir sobre sua real condição a fim de agradar as pessoas que os rodeiam. É utilizado um discurso baseado em afirmar que o “álcool presente nas bebidas os fizeram beijar um ao outro”, o que se compreende é que internalizou-se o discurso que os homossexuais estão fadados a serem inferiores e desmoralizantes, possuem desvio de conduta pelas instituições como escola, família, igreja, etc., até mesmo pelas mídias como a televisão e o rádio.

Essa visão em massa faz com que os jovens absorvam mesmo que contra vontade a ideia da marginalização da sexualidade homossexual. Desde crianças aprendemos que ser heterossexual é o ideal, este é um dos fatores da violência, essa teoria de internalização de uma possível homofobia por parte do próprio indivíduo surgiu na década de 70, mas foi apenas em 1980 que criou-se o conceito presente nas questões e estudos de antropólogos do mundo inteiro.

Para Antunes e Machado (2005) o preconceito internalizado caracteriza-se em o indivíduo aceitar as ideias pejorativas e negativas sobre a homossexualidade que são movimentadas diariamente pelas mídias, familiares e a fins.

O espírito familiar é representado através de um filho que perdeu a mãe e possui apenas o pai como próximo. Nathan (Bérenger Anceaux) e Stéphane (Patrick Timsit) são típicos pai e filho que se amam. No entanto, ao ver duas garotas rindo por causa da foto, o pai pede que Nathan possa explicar o mal entendido, o jovem se recusa a ir, e revela que não era brincadeira o beijo. Nesse primeiro momento, o pai fica indiferente ao filho, tentando compreendê-lo e Nathan se põe a pensar como será sua vida a partir daquele momento. As dificuldades estavam apenas começando, pois tendia a piorar na volta às aulas após a festança.

Os comentários na escola começam se referindo a Nathan como o “garoto do segundo ano beijando outro menino”. Ao entrar na sala, ninguém quer sentar próximo a ele, e a professora de matemática Catherine (Catherine Jacob) fala para ele ficar calado, pois, “já apareceu bastante”, devido os comentários em sala sobre a foto. Duas questões podem ser apontadas nesse aspecto: o espanto da comunidade escolar em perceber a relação afetuosa entre dois garotos, e a atitude da professora sobre o ocorrido.

Peter Fry e Edward MacRae (1985) apontam que os desejos entre pessoas do mesmo sexo são socialmente produzidos, assim como de heterossexuais. Ainda complementam que devemos ver as duas práticas com a mesma perplexidade que recai apenas para os homossexuais. Os rótulos aos gays são comuns, e os dispositivos históricos tão mencionados por Foucault se encarregam de controlar a vida destes indivíduos que deixam de “ser o que são”.

A segunda menção diz respeito à atitude da professora Catherine (Catherine Jacob). A mesma parece assumir uma posição neutra quanto à questão da discriminação a Nathan. Para ela o rapaz “apareceu demais”. Nas entrelinhas é possível compreender que na concepção dela os homossexuais não devem se expor demais, ao ponto de serem identificados como os “escandalosos”, o correto seria viver na clandestinidade e preso ao “armário”, que para Sedgwick (2007) é uma estrutura que pode ser definida em opressão a partir do século XX.

A questão da homossexualidade da escola é representada como uma negatividade da heterossexualidade. No filme, comentários nos corredores da escola falam pejorativamente de indivíduos homossexuais, tais como: “se eu fosse gay teria cometido suicídio”, “você é gay, não sai com nenhuma garota”, “eu o vi olhando para outro garoto naquele jogo”. Por este tipo de vigilância o que se subteende é que a figura do homossexual está permeada por um discurso negativo estagnado, onde ser apontado como tal é a maior ofensa possível à honra de um rapaz.

Rogério Diniz Junqueira (2009a) classifica estas atitudes como “pedagogia do insulto”, fazem parte: “piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes” (2009a, p.17). Historicamente foi-se construindo uma masculinidade que atualmente é hegemônica, e associa-se homossexuais ao feminino, causando a homofobia, que constitui uma barreira à desmistificação deste tipo de ideologia, “a construção da masculinidade [...] se dá a partir do desprezo e da inferiorização em relação a tudo que possa parecer feminino” (FELIPE; BELLO, 2009, p. 145).

Diariamente em todo o mundo milhares de jovens gays ou “suspeitos” são assassinados por viverem diferente do que a heteronormatividade permite. A violência generalizada a estes indivíduos ocorre nas mais variadas instâncias, desde a escola, a família, ou a rua. Borrillo (2009, p.15) classifica a homofobia como “atitude de hostilidade para com os homossexuais [...] é uma manifestação arbitrária que consiste em qualificar o outro como contrário, inferior, ou anormal”.

Foi exatamente o que ocorreu após o episódio do beijo, criou-se uma busca incessante para saber quem era o outro menino na foto com Nathan, cuja imagem não era claramente visível. Enquanto isso, rapazes sem a presença do professor em sala de aula agredem o jovem fisicamente que sai da sala por intermédio do professor que chega e o envia à enfermaria. Uma das explicações dadas a esse tipo de preconceito e violência física grave também chamada homofobia, é que os indivíduos violentos estão vivendo espécies de conflitos internos com sua própria homossexualidade, que é resultado da sua identificação inconsciente com a orientação sexual homo (RIOS, 2009).

Ela acontece por que põe em perigo a naturalização das identidades sexuais e do binarismo masculino/feminino, pois, assim nas palavras de Roger Raupp Rios (2009) cumpriria [a homofobia] papel de “guardião da sexualidade”, atacando os que ultrapassam os limites permitidos das formas de sexualidades instituídas como “naturais”.

O papel do professor enquanto autoridade máxima em sala de aula é conter estas práticas preconceituosas e dialogar com os discentes sobre os efeitos deste tipo de ação. O que acontece na maioria das vezes é uma invisibilização, é feito “vista grossa” quando o assunto é defender a diversidade sexual na escola. No entanto, podemos perceber uma diferença entre os dois professores: Tristan (Nicolas Carpentier) é representado como o que se preocupa com as minorias na escola, enquanto Catherine (Catherine Jacob) por ser lésbica que procura “manter as aparências” repudia as atitudes dos jovens como Nathan.

Meyer (2009) nos informa que neste ponto ocorre um silêncio forçado na cultura escolar. Para a autora, o fato de não falar do preconceito e da discriminação não significa que os dois não existam, pelo contrário, continua a existir de forma oculta, nos pormenores. A escola é produtora de sujeitos, a crítica que se estabelece aqui é: Que tipo de pessoas estamos formando e que tipo de escola estamos mantendo?

É necessário pensar um novo tipo de educação que para Junqueira (2009b, p. 178), deve desenvolver uma “postura de abertura em relação ao ‘outro’: de acolhimento, de reconhecimento da diferença como legítima e de rediscussão acerca dos processos que a produzem e dos mecanismos de distinção e hierarquização entre os sujeitos [...]”.

Perante a situação, o professor faz um discurso com as próprias palavras dos alunos para conter a situação discriminatória na sala de aula citada anteriormente:

“Vocês [alunos], notaram as palavras que eles [agressores] usaram [para se referir a Nathan]? ‘Acusado’, ‘admitir’, como se estivéssemos falando de um crime[...] palavras têm significados, elas podem ser muito violentas” (Trecho do Filme).

Neste discurso é evidenciado claramente o discurso heteronormativo o qual o professor Tristan tenta combater, visando sensibilizar os agressores e aos alunos que assistiram tudo com perplexidade. Os termos, “acusado, e admitir” evidenciam as formas de masculinidades que foram corrompidas, Louro (2009) cita que entre os rapazes, quando se assume uma homossexualidade, o indivíduo na concepção dos que o cercam perde seu “gênero original”, e no caso de Nathan, se associa à imagem do feminino.

A autora ainda revela as estratégias que mantêm o caráter heteronormativo tão presente nas sociedades ocidentais: reiterada diariamente denuncia sua própria desconfiança em si como “natural”, a norma é subvertida ao passo que é desafiada, tratando-se assim de disputas políticas (LOURO, 2009). A homofobia como consequência da heteronormatividade é ensinada nas mais variadas instâncias, desde a infância são introjetados nos sujeitos infantis saberes de repulsa afim que quando adultos se posicionem em relação à heterossexualidade (FELIPE; BELLO, 2009).

Outro aspecto na obra de Didier Bivel é a questão da naturalização da homossexualidade. Logo após os esclarecimentos do professor Tristan (Nicolas Carpentier) sobre os colegas de classe tratar os gays como criminosos, um aluno diz que se “ele escolheu ser assim, ele deve ser e assumir até o fim”, o professor então pergunta se ele escolheu gostar de meninas, o aluno diz que não escolheu que isto “vem de dentro dele”.

Primeiramente é importante salientar que o termo escolha para se referir às orientações sexuais é um equívoco. Orientação sexual diz respeito à “direção do desejo sexual e amoroso” (MELLO; GROSSI; UZIEL, p. 165, 2009). Assim como retratado no filme, as pessoas insistem em classificar o desejo heterossexual, homossexual ou bissexual como uma “opção”, partindo desse pressuposto há componentes de racionalidade que explicam o fato da direção do desejo. No entanto, nos sujeitos da modernidade não há pensamento racional, ou deliberações de escolhas, ou intenções, tudo se passa no mundo psíquico de acordo com suas vivências no meio social (GAGNON 2006, apud MELLO et.al, 2009).

“Ele deve se assumir até o fim”, esta oração presume que os atos dos sujeitos que se relacionam com o mesmo sexo, devam ser expostos, pois são incomuns e negativos a sociedade e à norma. O personagem se desconstrói ao responder ao professor que ser hétero

“vem de dentro dele”, será que os homossexuais também não passam pelo mesmo e a heteronormatividade faz os indivíduos pensarem desta forma errônea?

Neste caso, a heterossexualidade é explicada pelo “fator biológico”, como sendo natural, e desviante as outras identidades sexuais. “A heteronormatividade se fundamenta no discurso sobre a biologia humana de modo a naturalizar os corpos e a relação sexual” (LIONÇO; DINIZ, 2009, p.54).

Seguindo a aula, uma aluna pergunta se Tristan “gosta de homens”, pelo fato de defender gays e ter um estilo de roupas mais moderno e faltar-lhe “virilidade”. Desta forma percebemos que costumes e práticas diferenciam as orientações sexuais e gênero culturalmente, o professor mesmo sendo casado com uma mulher não fala ou expõe sua vida pessoal em sala.

Tradicionalmente é reproduzido o discurso que homens de boa aparência são homossexuais pelo simples fato de se preocuparem com a estética, ou seja, relaciona-se aos estereótipos de gênero. Ele foi imediatamente associado ao feminino. Louro (2000) argumenta que a escola é um lugar de construção de conhecimentos, mas quando o assunto é homossexualidade, o que está em evidência é a ignorância e o desconhecimento.

Ainda no espaço escolar, este mesmo professor foi chamado pela direção da instituição para esclarecer algumas questões, entre elas, que pais de alunos estavam ligando para a instituição reclamando que estavam insatisfeitos pelo professor falar de homossexualidade e homofobia em sala de aula, ele responde que seu trabalho é capacitar os alunos para superar os seus preconceitos.

Neste caso, a disciplina não ocorre apenas aos alunos transgressores da norma, mas, recai sobre o professor que apaziguou os ânimos dos discentes em sala de aula. Ela é classificada como “uma modalidade, uma física, uma tecnologia, uma anatomia do poder” (SOUZA, 2011, p.196). No momento em que os pais pedem que não se fale em homofobia na escola, se abre uma série de questões: será que os pais temem que o professor influencie os seus filhos? E qual a posição que a escola deve tomar para tratar destes assuntos?

Sobre isso, Déborah Britzman (1996) revela que há nestas situações uma espécie de medo que ao falar de gays, bissexuais, se encoraje os alunos a tais práticas, e/ou os juntem com comunidades e grupos de ativistas. Para a estudiosa ao silenciar estas minorias, subtende-se que os jovens “prefiram” ser heterossexuais.

É necessário educar para a diversidade, uma escola que inclua todos, visto que é um espaço de múltiplas identidades, e diferenças. A relevância está na figura do professor que muitas vezes é a referência do adolescente fora do círculo familiar, e por se tratar de um

espaço público não deveria haver tantos obstáculos à aceitação dos “diferentes”. Fernando Seffner fala em modificações de espaços e condutas no ambiente escolar para a inclusão de jovens gays, lésbicas e etc:

[...] a abolição das piadas e das manifestações sexistas, tão comuns entre professores e professoras, acerca dos alunos e alunas ‘diferentes’ dos padrões heterossexuais ditos ‘normais’. Não é possível educar em um ambiente com falta de respeito, e a agressão – verbal e até mesmo física – tem sido uma arma de expulsão de indivíduos que não se enquadram na regra da heteronormatividade. É necessário construir um ambiente de respeito e aceitação [...] as regras que valem para os namoros entre moças e rapazes devem ser as mesmas para os namoros entre rapazes ou entre moças. [...] Se a escola estabeleceu limites para os namoros em termos de contato de físico [...], estas regras devem servir para os diferentes tipos de casais que se constituem (SEFFNER, 2009, p.132).

O diretor informa que não tem nada contra gays, mas na escola não é permitido tais assuntos. Enquanto isso na sala dos professores, uma das professoras diz que a culpa é do Nathan de não ter permanecido discreto. Compreendemos por essa fala que os adolescentes cuja identidade sexual é a homossexual devam viver em “regime fechado” dos seus desejos, visando não afetar a boa natureza da heterossexualidade, ou ameaçá-la.

Catherine (Catherine Jacob) que é homossexual e professora de matemática se recusa a falar com Nathan, segundo ela só diz respeito falar de equações em sala de aula, ignorando o problema alheio de um dos alunos, mas que reflete o que viveu na infância e tem medo de que se repita, “ [...] a escola, espaço público e coletivo por excelência, importante instância social constituidora de identidades, evita discutir e problematizar as sexualidades e as possíveis identidades sexuais” (RIBEIRO, SOARES, FERNANDES, 2009, p. 185).

Para Junqueira (2009a) as consequências da homofobia, resultado desse silenciamento, e da intolerância na escola em questões de gênero são inúmeras. Priva os jovens de direitos, afeta a subjetividade de cada um, pode fazer com que haja um desinteresse em estar no ambiente escolar, e conseqüentemente o mercado de trabalho passa a ser carente, e além disso, causa tumulto na construção das identidades em formação.

Com toda indiferença e isolamento do mundo, Nathan (Bérenger Anceaux) se sente sozinho e sem o apoio do seu pai. Em conversa, Stéphane (Patrick Timsit) assume que não é fácil ter um filho gay, e transtornado o filho diz que não é fácil ter um pai homofóbico. O próprio Louis (Jules Houplain), o da foto que causou todo alvoroço, não se reconhece como homossexual, e nega mesmo após ver todo sofrimento do colega na escola.

Nas palavras de Foucault (1999), a escola é baseada na vigilância, é uma máquina que nos introjeta o cuidado de si. E por isso que ser o que se é nos espaços escolares pode ser

motivo de salvaguardar-se, como é o caso até então da professora e do jovem Louis. Há nesse contexto, o medo, ou aversão à homossexualidade.

Na aula de educação física no basquete ninguém quer ser tocado por Nathan, e no vestiário mais insultos e violência física com chutes, socos e pontapés. Há certa tendência deste tipo de discriminação e violência progredir, como é detalhado no filme, começa verbalmente e termina física e moralmente, e a escola não trás nenhuma assistência a estes casos. O pai vendo tudo que acabaram de fazer com o filho, o consola e se sente culpado por não protegê-lo.

Notamos que há nesta cena a ideia de que a homossexualidade possa ser contagiosa, e por isso qualquer toque é descartado. Cria-se resistência em admitir apreço ou simpatia por pessoas homossexuais (LOURO, 2000) dada à vigilância, na escola ninguém quer ser o reflexo de Nathan (Bérenger Anceaux) e sofrer a violência que está acometido.

A falta de solidariedade por parte de profissionais, da instituição e da comunidade escolar diante das mais corriqueiras cenas de assédio moral contra estudantes LGBT, pode produzir ulteriores efeitos nos agressores e nos seus cúmplices. Além de encorajados a continuarem agindo, aquiescendo ou omitindo-se, são aprofundados em um processo de “alheamento” (JUNQUEIRA, 2009a, p.27).

Historicamente, os homossexuais foram e estão fadados a serem no pensamento ocidental moderno os “doentes”. Alípio Sousa (2009) remonta a característica clínica dos homossexuais apenas ao século XIX, onde estudiosos tentavam descobrir as causas do “desvio” desses doentes e o que provocaria esse fenômeno anômalo. Ainda esclarece que em 1973, a Associação dos psiquiatras americanos excluiu a homossexualidade da lista de doenças mentais, porém somente em 1991 em um contexto global a OMS também a retirou da lista.

Uma das cenas mais reflexivas do longa-metragem diz respeito à atitude da professora Catherine que se sensibilizou com a violência praticada em Nathan pelos colegas. Contou a história de uma menina medrosa que ouvia risadas de colegas na sua infância enquanto estava na escola, porque se sentia atraída por outras meninas, e que essa dita menina não era valente como Nathan de não enganar a si mesma, ela relatava nesse momento sua própria história de vida e trajetória. Segundo Daniel Borrillo (2009), a lesbofobia possui dois lados do preconceito: o primeiro por se tratar de uma mulher, e o segundo por ser uma homossexual, a dimensão da discriminação aumenta significativamente.

Ela foi um exemplo de coragem ao se assumir para a sala e desejou que Nathan se resolvesse consigo mesmo. Desta forma Tristan (Nicolas Carpentier) e Catherine (Catherine Jacob), os professores engajados em defender os homossexuais na escola conversam com o

diretor que se recusa a tratar do assunto apontando que os pais jamais estariam de acordo, assim através de um abaixo-assinado dos professores a reivindicação dos direitos seria acatadas.

A família de Louis é mais rígida e como o jovem é lutador de boxe, não aceitaram bem a ideia do filho ser homossexual e aparecer numa foto beijando outro rapaz. O pai dele, Bruno (Bruno Putzulu), diz que união e família gay não são normais e que ele está fadado a viver sozinho no mundo, e que é um doente.

O homossexual sofre solitário o ostracismo ligado a sua homossexualidade, sem nenhum apoio de seus próximos e frequentemente em um ambiente familiar hostil. Ele é, portanto, mais vulnerável a uma atitude de aversão a si mesmo e a uma violência interiorizada que pode levá-lo ao suicídio (BORRILLO, 2009, p. 33).

Foi exatamente o que Louis resolveu fazer ao se sentir solitário e sem apoio da família. A atitude extrema é uma das consequências mais recorrentes a este tipo de violência física e psicológica a que milhares de homossexuais são submetidos todos os dias em todas as partes do planeta. O tema é abordado de forma simples e afetuosa no filme, mostrando que Louis, após toda reprovação dos pais, tenta se atirar de cima de uma fábrica abandonada, mas é impedido por Nathan.

Os pais idealizam um modelo de filho, e a pouca compreensão de mundo os fazem distorcerem ou expandirem sua imaginação, englobando preconceito, e discriminação. Como apresentado, é somente após situações extremas que a maioria dos pais se dá conta de como é tratar o filho do jeito que ele é, por que na maioria das vezes o pai pensa primeiro em si, no que as pessoas vão pensar dele [pai].

O filme termina com a superação de Louis, ao aceitar a sua orientação sexual, porém com a reprovação de seu pai, no entanto, com a ajuda de Nathan, o jovem conseguiu se resolver com sua maneira de ver a vida. A mãe de Louis, Corinne (Bárbara Schulz) segue sua vida junto com o filho e feliz ao tê-lo vivo, independente de qualquer preconceito social, o amor dela pelo filho ajudou-o a se erguer perante os estigmas e cobranças da sociedade.

A luta por esta quebra de preconceitos é ininterrupta, através da conscientização é possível mudar uma realidade, e a educação é o primeiro passo para isso, um tipo de educação pautada na inclusão e na diversidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso estudado neste trabalho através do filme francês *Baisers Cachés* (Beijos escondidos, 2016), retrata o cotidiano de milhares de pessoas em todos os lugares do mundo. O conflito do ser “diferente” perante a sociedade, a exclusão e os olhares tortos, apontam as permanências e reproduções de um modelo de identidade sexual e sexualidade dito hegemônico.

A visão utilizada nesta abordagem foi da História Cultural e educação, com auxílio de teorias do pós-estruturalismo que é classificado pela flexibilidade e mudanças no seu cerne, ou seja, não buscamos aqui representar nenhum modelo de verdade absoluta, mas aplicar os conhecimentos produzidos a priori visando analisar representações na obra de Didier Bivel como fonte.

Como trabalhamos com um produto de mercado, um filme feito para a televisão, apontamos que a carga de subjetividade pode aparecer em toda obra, desde as representações aos aspectos linguísticos como a legenda em português.

Por ser um tema extremamente atual, consideramos a importância de retratar e dialogar com os mais variados conhecimentos através da interdisciplinaridade como a filosofia, antropologia, biologia e etc., proposta pela historiografia dos *Annales* em sua terceira geração. As questões que envolvem gênero e sexualidade embora complexas e variadas foram abordadas com base no discurso da obra, o que não significa que haja inúmeras outras perspectivas sobre o assunto, porém na nossa abordagem acreditamos ter simplificado e construído conhecimento sobre o que nos propusemos.

Além disso, ao falar de educação esperamos que este trabalho sirva como referencial para novas práticas de docentes e discentes que rotineiramente executam o modelo heteronormativo na sociedade e na escola, lugar que deveria acolher, visto que está no seio da sociedade e comprometido com as rupturas. Estereótipos, violências simbólicas e familiares, preconceitos de gênero são polêmicos, mas fazem parte do discurso da contemporaneidade, científico, político e do senso comum, então por que não historicizar esse tipo de reprodução? Enfatizamos aqui que romper com conhecimento é a primeira etapa, mas, incluir os diferentes indivíduos com suas particularidades é fundamental para diminuir as inconstâncias e inquietações do meio social, inclusive questionar o que nos é imposto como natural.

Estamos no século XXI, não é possível termos o mesmo pensamento de séculos anteriores. A violência presente nas ruas é um reflexo da educação, se esta última não for agente motivador e decisivo nas quebras de paradigmas, a situação tenderá a piorar. Para isso, a escola deve criar iniciativas que promovam a igualdade entre todos, políticas públicas e de ensino que visem desconstruir para construir, assim é necessário, sobretudo, a formação

continuada e atualização de docentes e profissionais da educação para que estejam aptos a enfrentar os desafios pós-modernos no tocante às características de cada sujeito que participa ativamente da escola e que quando saia dos muros transforme uma realidade aparentemente estática na ignorância e no desconhecimento.

Falar de gênero e sexualidades não é um papel somente de professores de biologia. Historiadores, sociólogos, antropólogos, filósofos, diariamente buscam incessantemente respostas às novas demandas do social quando se fala de cultura, que está intrinsecamente ligada aos gêneros e as sexualidades construídas pelas experiências singulares de cada um de nós.

Imagine ser excluído da aula de campo do colégio por ser homossexual e ter uma aparência feminina, ou ser alvo de risadinhas e piadas preconceituosas disfarçadas de humor ao adentrar o espaço de reunião dos professores na escola, ou até ser vítima de pesquisas em corredores a cerca de sua orientação sexual. Esses relatos fazem parte da minha participação como bolsista em uma escola do interior paraibano. Vivenciar na realidade como a heteronormatividade se faz presente sem distinção de pessoas dentro e fora da escola, como ela molda as atitudes e formata os corpos visando controlá-los, e atinge desde o aluno ao cargo mais elevado da instituição, foi a base para pensar e construir essa pesquisa tão relevante no cenário social que vivemos.

Por fim, esperamos que essa obra audiovisual francesa possa também ser utilizada em sala de aula como proposta metodológica pelo seu caráter transparente ao representar a escola e a sociedade como espaços reprodutores de discursos da desqualificação e da intolerância ao falarmos de gênero e sexualidade, e a partir dele criar novos debates e discussões visando a inclusão da diversidade em todos os espaços da vida social e coletiva.

THE SCHOOL AND THE HETERONORMATIVITY: AN ANALYSIS OF ITS
RELATIONS BASED ON THE FILME *BAISERS CACHÉS* (2016).

ABSTRACT

This work aims to analyse the discourse and representations about the French movie *Baisers Cachés* (Hidden Kisses), released in 2016, and produced by Didier Bivel, which refers to heteronormativity, specifically in school environment. It is a televised film in Europe and exported internationally through French television networks, and it had been used as a protest in 2017 on the International Day to Combat Homophobia. The plot unfolds in a school permeated by the discourse of traditionalism and conservatism, and the non-car with the subjects and their subjectivities, Bivel romanticize the story of two teenagers, Nathan (Berenger Anceaux) and Louis (Jules Houplain) who are prisoners and victims of their own desires to possess the deviant sexuality of the hegemonic heterosexual norm. In order to perform the analysis, we use the cultural history as a theoretical basis; and therefore the interdisciplinary proposal by the *Annales* historiography, using the concept of representation and film as historical source of production. In addition, we dialogue with various fields of knowledge, including the Anthropology, Sociology, Psychology. With the objective of discussing how heteronormativity happens and is fixed as an instrument for formatting behaviour inside and outside of school; and how it is possible to reduce the exclusions due to differences in the place that a priori should accommodate the multiple experiences of all of which form the specific space and society. Finally, understand the school as a space player of discrimination and prejudice, with consequences that make dimensions and fuel violence and intolerance in the existing social bosom, and the family as an important basis for the reduction of these stigmas related to sexuality.

Keywords: Representations and speeches. Heteronormativity. School

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R.; MACHADO, C. **Dupla invisibilidade**: A violência nas relações homossexuais. *Psychologica*, Universidade do Minho, n. 39, 2005, p. 167-187.
- BAISERS CACHÉS. Direção: Didier Bivel. França: Lizland Films, 2016. 1 filme (87min), sonoro, legenda, color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q0UVJf7H7U4>>. Acesso em: 07 de junho de 2017.
- BORRILLO, D. A homofobia. In: LIONÇO, T; DINIZ, D. (org.). **Homofobia & Educação**: um desafio ao silêncio. Revisão: Ana Terra Mejia Munhoz. Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2009. p. 15-46.
- BRITZMAN, D. O que é esta coisa chamada amor - Identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Vol. 21(1), jan/jul. 1996. p.71-96.
- BURKE, P. **O que é História cultural?**. Tradução Sérgio Goes de Paula. – 2. Ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, Ed. 2008.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminino e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CECCARELLI, P. R.; FRANCO, S. **Homossexualidade**: verdades e mitos. *Bagoas*, n.05, 2010, p.119-129.
- FELIPE, J. BELLO, A. T. Construção de comportamentos homofóbicos no cotidiano da educação infantil. In: JUNQUEIRA, R.D. (org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p.141-157.
- FERRO, M. **Cinema e História**. Tradução Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I – A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.
- FRY, P. MACRAE, E. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.
- GREGOLIN, M. R. V. **A análise do discurso**: conceitos e aplicações. Alfa: São Paulo, 1995, p. 13-21.
- JÚNIOR, D. M. A. Michel Foucault e a Monalisa ou como escrever a história com um sorriso nos lábios. In: RAGO, M., NETO, A. V. (org.). **Figuras de Foucault**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 97-107.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In: _____ (org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009a. p. 13-51.

_____. Políticas de educação para a diversidade sexual: escola como lugar de direitos. In: LIONÇO, T; DINIZ, D. (org.). **Homofobia & Educação**: um desafio ao silêncio. Revisão: Ana Terra Mejia Munhoz. Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2009b. p.161-193.

LIMA, C. A. F. de. **Quando o historiador deixa de assistir e começa a analisar: Reflexões sobre a relação história e cinema**. ANPUH-PB. [201?] Disponível em: <http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/st%2005%20%20historia%20e%20cinema.pdf>. Acesso em 24 de agosto 2017.

LIONÇO, T; DINIZ, D. (org.). Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. In: _____. **Homofobia & Educação**: um desafio ao silêncio. Revisão: Ana Terra Mejia Munhoz. Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2009, p. 47-71.

LOURO, G. L. **O corpo educado, pedagogias da sexualidade**. Guacira Lopes Louro(org.), Jeffrey Weeks, Deborah Britzman, Bell Hooks, Richard Parker, Judith Butler . Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª Edição. Autêntica. Belo Horizonte, 2000.

_____. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, R.D. (org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 85-93.

LOURO, G. L.. **Gênero, sexualidade e educação - Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G, L. **Educação e docência**: diversidade, gênero e sexualidade. Formação Docente, Belo Horizonte, v. 03, n.04, p.62-70, jan./jul. 2011. Disponível em <<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>>

MELLO, L.; GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P. A escola e @s filh@s de lésbicas e gays: reflexões sobre conjugalidade e parentabilidade no Brasil. In: JUNQUEIRA, R.D. (org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 159-181.

MEYER, D. E. E. Corpo, violência e educação: uma abordagem de gênero. In: JUNQUEIRA, R.D. (org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 213-233.

MISKOLCI, R. **Reflexões sobre normalidade e desvio social**. Estudos de Sociologia. Araraquara, n. 13/14, p. 109-126, 2002-2003.

NAPOLITANO, M. Fontes audiovisuais: A História depois do papel. In: PINSKY, C. B. **Fontes Históricas** (org.), 2.ed., 1a reimpressão.— São Paulo: Contexto, 2008, p. 235-289.

NÓVOA, J. **Apologia da relação cinema-história**. In: Olho da História, nº 1. 2013. Disponível em: <<http://www.oohodahistoria.ufba.br/01apolog.html>>

PESAVENTO, S. J. **História & história cultural**. 3ª Edição 2ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

REIS, J. C. O programa (paradigma) dos Annales “face aos eventos” da história. In: _____ **A história entre a filosofia e a ciência**. São Paulo: Ática, 1996. p. 67-106.

RIOS, R. R. Homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: JUNQUEIRA, R.D. (org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 53-83.

SCOTT, J. W. “**Gênero: uma categoria útil de análise histórica**”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SEDGWICK, E. K. **A epistemologia do armário**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 28, jun. 2007, Tradução: Plínio Dentzien. Revisão: Richard Miskolci e Júlio Assis Simões. p. 19-54. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>> capturado em 7 de abril de 2017.

SEFFNER, F. Equívocos e armadilhas na articulação entre diversidade sexual e políticas de inclusão escolar. In: JUNQUEIRA, R.D. (org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p.125-139.

SOUSA, A. de. Teorias sobre a gênese da homossexualidade: ideologia, preconceito e fraude. In: JUNQUEIRA, R.D. (org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 95-123.

SOUZA, L. A. F. Disciplina, biopoder e governo: contribuições de Michel Foucault para uma analítica da modernidade. In: SOUZA, L. A. F. de. SABATINE, T. T.; MAGALHÃES, B. R.de (orgs). **Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.